



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

MARCAÇÃO CERRADA:

Subversivos do mundo da bola

(1970 – 1984)

Lucas Parente de Castro

Brasília

2019

Universidade de Brasília
Instituto de Humanas
Departamento de História

MARCAÇÃO CERRADA:
Subversivos do mundo da bola
(1970 – 1984)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História do Instituto de Ciências
Humanas da Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do grau de
licenciado/bacharel em História

Orientador: Professor Dr. Mateus Gamba Torres

Lucas Parente de Castro

Brasília

2019

Resumo

O futebol tem uma enorme capacidade de mexer com as paixões das pessoas. Pelo esporte, vestindo a camisa de seus times, as pessoas torcem, gritam, pagam caro em ingresso e entram em diversas discursões enviesados que sempre favorecem o seu time do coração. Percebendo essa relação íntima que uma grande parcela da população tem com o futebol, o uso político deste esporte se fez presente desde a sua chegada ao Brasil, com Charles Miller, até os dias de hoje.

Um dos momentos em que o futebol foi usado como ferramenta política de forma intensa foi durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), principalmente após a vitória da Copa do Mundo de 1970. Entretanto, a relação dos militares com o futebol, treinadores e atletas deste esporte nem sempre foi harmônica. O posicionamento político de oposição à ditadura de algumas importantes personalidades futebolísticas da época e suas conseqüentes perseguições pelos militares serão o cerne deste trabalho.

Palavras-chave: futebol, política, Ditadura Militar, perseguição

Abstract

Football has an amazing ability to mess with people's passions. For the sport, wearing the jersey of their team, they cheer, shout, pay dearly in tickets and initiate several speeches that always favor their beloved team. Realizing this intimate relationship that a large portion of the population has with football, the political use of this sport has been present since its arrival in Brazil, with Charles Miller, to the present day.

It was during the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985) that football was strategically used as a political tool, especially after the 1970 World Cup victory. However, the military's relationship with football, coaches and athletes of this sport was not always It was harmonic. The opposition of some important soccer personalities of the time to the military dictatorship and their consequent persecution by the military will be the core of this work.

Key words: football or soccer, military dictatorship, persecution, politics

Sumário

Introdução	06
Uma Breve História do Futebol no Brasil	09
Capítulo I: João Saldanha: O “João sem medo”	14
Capítulo II: Reinaldo: bom de bola e bom de cuca	21
Capítulo III: “Juca”: pseudônimo de José Carlos Amaral Kfourri	32
Fontes e Bibliografias	42

Introdução

Em consonância com a História trabalhada na maioria das salas de aula do Brasil a fora, personagens de destaque do cenário nacional sofreram ferrenha perseguição durante a Ditadura Militar por representarem resistência à forma

como se organizava o governo e o regime ditatorial. A proposta deste trabalho é expor que não apenas os grandes nomes ligados às artes ou à política institucional foram alvo de perseguição – como se é comum mencionar -, mas também aqueles que se puseram como resistência dentro das quatro linhas do gramado, atuando como jogador de futebol, ou como técnico, ou até mesmo como comentarista/jornalista esportivo – apesar do futebol compor um meio bastante conservador.

Uma demonstração da constante vigilância dos militares é a intensa espionagem produzida pelo SNI, uma das fontes utilizadas serão os documentos produzidos pelo Sistema Nacional de Informação. Na pesquisa das fontes no Arquivo Nacional o caminho utilizado para encontrar as informações necessárias para esta pesquisa foi buscar por palavras chaves com o nome das pessoas que protagonizam os estudos a seguir, órgãos dirigentes do futebol, figuras de destaque tanto do esporte como da política e entre outros. Os documentos encontrados estão datados entre os anos de 1970 a 1990. Além dos documentos do Arquivo Nacional, a entrevista de João Saldanha no programa Roda Viva da TV Cultura; depoimento do jogador Reinaldo para o Museu do Futebol e FGV para o projeto Futebol Memória e Patrimônio; biografias de João Saldanha de João Máximo¹ e outra de André Iki Siqueira²; uma autobiografia de Juca Kfourri³ e um livro de crônicas escritas por Saldanha⁴ também objetos de análises nesses artigos.

Conceitualmente, o norte teórico para analisar esses assuntos se destacam Carlos Fico no livro *Como Eles Agiam* para entender o funcionamento do SNI e seus mecanismos de espionagem. Também o livro de Mariana Joffily, *No Centro da Engrenagem*, que é fundamental para compreender DOI-CODI, especialmente no caso do Juca Kfourri por causa da sua prisão em 1971.⁵

Outro viés futebolístico muito forte, atuante e presente apoiando ou criticando a ditadura foi o jornalismo, mas em especial o jornalismo esportivo. O

¹ Máximo, João, 1935-João Saldanha: sobre nuvens de fantasia / Rio de Janeiro : Relume, 2005

² Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007

³ Kfourri, Juca Confesso que perdi: Memórias/ Juca Kfourri – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017

⁴ Saldanha, João, 1917-1990 Vida que segue: Saldanha e as copas de 1966 e 1970/João Saldanha; organização Raul Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

⁵ Kfourri, Juca Confesso que perdi: Memórias/ Juca Kfourri – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017. p. 22

próprio João Saldanha, por exemplo, ganha grande notoriedade como comentarista no *O Globo*, porque seus comentários, sempre muito contundentes e polêmicos, o levaram a ganhar o apelido de “João Sem Medo”⁶.

Criada em 1970, meses antes da Copa do Mundo, a revista Placar se torna um dos mais influentes veículos de comunicação futebolística. Com tiragem semanal na época - atualmente, sua tiragem é mensal - em pouco tempo se torna extremamente relevante para o cenário esportivo.⁷ Dentro do que é possível em meio a uma ditadura militar, busca produzir uma opinião independente e crítica. Um dos seus repórteres mais importantes foi o jornalista Juca Kfoury, que também foi diretor entre os anos de 1979 e 1995. Juca será outra figura que abordaremos com maior profundidade neste artigo. Atualmente é comentarista do canal de esportes ESPN Brasil e escreve uma coluna no UOL.⁸

Elementar que as estrelas maiores do futebol também sofreriam as consequências de um esporte militarizado. Os jogadores terão papel fundamental para a propaganda da ditadura, sendo uma figura central o maior atleta do século XX, Pelé⁹. Mas também figuras subversivas, assim consideradas pela ditadura, se farão presentes no mundo do futebol. Um bom exemplo disso foi a Democracia Corinthiana, onde os atletas liderados pelo Dr. Sócrates foram parte da luta do movimento “Diretas Já”. Outro exemplo de contestação por parte de um jogador foi o caso do Reinaldo, atacante do Atlético MG e da seleção Brasileira, o qual aprofundaremos a narrativa sobre sua trajetória nas páginas

⁶ “João Sem Medo”, era um apelido de que como era conhecido, foi dado por Nelson Rodrigues. Em sua Crônica “João Sem Medo” de novembro de 1969, Nelson elenca alguns “defeitos” de Saldanha, que segundo ele o faria ganhar a Copa do Mundo, mas também ilustra muito bem o motivo do apelido. Trago dois defeitos por ele elencado: o primeiro que João seria “um furioso. Não acendam um fósforo perto dele que o João explode” e o outro que teria doutrinado a seleção para “para não levar desaforo para casa”. Crônica disponível em <http://esporte.gov.br/m/index.php/noticias/24-lista-noticias/47654-confira-o-34-texto-da-serie-de-chronicas-de-nelson-rodrigues> acesso 15 de nov. 2019

⁷ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 74

⁸ SOBRE O AUTOR. UOL Esportes. Disponível em <<https://blogdojuca.uol.com.br/sobre-o-autor/>>. acesso 15 de nov. 2019

⁹ 15 de maio de 1981: Pelé recebe o troféu de Atleta do Século de todos os esportes. O Globo, 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/15-de-maio-de-1981-pele-recebetrofeu-de-atleta-do-seculo-de-todos-os-esportes-10810972>> Acesso em: 04 de nov. 2019

seguintes onde trataremos de suas opiniões e gestos políticos que incomodavam os militares.

Durante o trabalho, três nomes serão os objetos de pesquisa principais do artigo: João Saldanha, Juca Kfourri e Reinaldo - treinador, jornalista e jogador respectivamente. Nas páginas a seguir, será analisado o caso de João Saldanha enquanto treinador da seleção e a sua saída controversa do cargo. Depois, a militância na juventude, o posicionamento jornalístico forte e a perseguição sofrida por Juca Kfourri. E por último o jogador Reinaldo, que contestava a ditadura dentro de campo com suas comemorações em referência ao gesto dos Panteras Negras e fora de campo com entrevistas e opiniões críticas ao governo.

Breve história do futebol no Brasil

O futebol moderno tem a sua gênese na Inglaterra, mas ao longo de toda a história da humanidade várias espécies de treinamentos, esportes ou

comemorações similares ao futebol estiveram presentes nas mais diversas sociedades.¹⁰

No Brasil, o futebol chega no começo do ano de 1894. O responsável por isso foi o brasileiro, filho de ingleses, Charles Miller, quando trouxe consigo duas bolas de couro, um livro de regras, um par de chuteiras e alguns outros acessórios.¹¹ O esporte Bretão ganhou uma popularidade absolutamente apoteótica durante o século XX, fazendo com que grande parte da população passasse a torcer, consumir e viver o futebol.

Por sua popularidade, politicamente o futebol torna-se uma área bastante fértil para a divulgação de ideias, filosofias, sejam elas situacionistas ou oposicionistas. A sua importância política se justifica na contagem de sua audiência.¹²

Desde que foi introduzido à vivência do brasileiro, o futebol foi constantemente utilizado como propaganda política. O futebol já era o esporte mais popular do país anos antes da chegada de Getúlio ao poder¹³. As disputas de poder para o controle dos esportes tinham duas vertentes: a representada por Arnaldo Guinle¹⁴, que representava uma velha elite; e a representada por Luiz Aranha¹⁵ que era o líder de uma nova elite que emergia juntamente com Vargas,

¹⁰ SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981. P.11

¹¹ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 15

¹² Infográficos 06/08/2018 Copa do Mundo 2018. Disponível em <https://www.kantaribopemedia.com/copa-do-mundo-2018/> acesso 2 de dez. 2018)

¹³ Costa, Maurício da Silva Drumond. Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) / Maurício da Silva Drumond Costa. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. p.109

¹⁴ Arnaldo Guinle: foi o segundo presidente da CBD, entre 04/11/1916 a 08/01/1920. No Fluminense, foi o décimo presidente da história do clube e teve duas passagens pela equipe carioca. A primeira vez, ficou do dia 18 de abril de 1916 até 30 de abril de 1931 e a segunda vez, do dia 6 de dezembro de 1943 até 4 de fevereiro de 1946.: Disponível em <<https://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/arnaldo-guinle-5453>> Acesso em 16 nov. 2018.

¹⁵ Luiz Aranha: Foi presidente da CBD, entre 05/09/1936 a 28/01/1943. de 1936 a 1943, do conselho deliberativo do Botafogo de Futebol e Regatas, clube da cidade do Rio de Janeiro, e do Conselho Nacional de Desportos (CND). Nesse setor, foi um dos responsáveis pela introdução do profissionalismo no futebol brasileiro. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ARANHA,%20Luís.pdf> acesso 2 de dez. 2018

em 1930. Esse embate político tinha um objetivo: comandar a Confederação Brasileira de Desportos^{16,17}

Durante sete anos Luiz Aranha, chamado de “Lulu Aranha” por Oswaldo Aranha, seu irmão e amigo próximo de Getúlio¹⁸, comandou a CBD consolidando assim a importância e a influência exercida por Vargas nos esportes nacionais, em especial o futebol. “O futebol havia se tornado, para os brasileiros, um símbolo da nação. A vitória nas quatro linhas eram conquistas da pátria”.¹⁹

O futebol brasileiro se encontrava em uma intensa disputa, especialmente entre cariocas e paulistas. As instituições CBD e a FBF²⁰ defendiam os interesses desses dois estados, respectivamente. A Confederação Brasileira de Desportos queria que o futebol continuasse uma prática amadora, enquanto a Federação Brasileira de *Foot-Ball* exigia que esta prática esportiva se profissionalizasse. A disputa enfraqueceu quando os jogadores que atuavam no estado de São Paulo não foram convocados para integraram a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1930²¹, o Brasil ficou em sexto lugar na competição.

O mundial de 1934 foi um fracasso retumbante para a seleção Brasileira, sendo até hoje a pior participação do Brasil nas Copas do Mundo, perdendo na estreia para a seleção espanhola por 3x1. Mas a viagem para a Europa resultou em uma excursão:

Uma vez fora da Copa mais cedo do que o esperado,
a presença da seleção brasileira na Europa foi aproveitada para

¹⁶ CBD: Confederação Brasileira de desportos. Criada em 1914 tinha como objetivo ser a organizadora de todos os esportes nacionais. Foi extinta em 1979 por exigência da FIFA e o futebol ficaria a partir de então sob o domínio da então criada Confederação Brasileira de Futebol (CBF)

¹⁷ Costa, Maurício da Silva Drumond. Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) / Maurício da Silva Drumond Costa. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. p.110

¹⁸ Costa, Maurício da Silva Drumond. Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) / Maurício da Silva Drumond Costa. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. p.110

¹⁹ Costa, Maurício da Silva Drumond. Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) / Maurício da Silva Drumond Costa. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. p.109

²⁰ FBF- Federação Brasileira de Foot-Ball

²¹ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 25

que essa excursionasse pelo velho continente e fizesse propaganda do maior produto de exportação brasileiro: o café.²²

Sendo a Copa do Mundo de 1938 a primeira vez que a seleção levava seu time completo²³, o Brasil faz um excelente mundial. Perdeu somente a semifinal para a seleção que se tornou a campeã daquele mundial: a Itália. Ficando com o terceiro lugar, e também com dois prêmios individuais ao mesmo jogador - de melhor jogador e artilheiro da competição com 7 gols - para o *Diamante Negro*²⁴, Leônidas da Silva.

O presidente, Getúlio Vargas, relata sobre a eliminação em seu diário: “O jogo monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional.”²⁵

O esporte já conquistara milhares de adeptos, e no âmbito político já se mostrava como uma zona de influência importante. Tanto para os representantes do Estado, quanto para grupos políticos de oposição.

O Brasil garante o direito de sediar a Copa do Mundo de 1950 e para Giselle Moura:

Poderia ser a ocasião de difundirmos a imagem do país que desejávamos. Seria como nas grandes exposições internacionais do início do século XX, quando os pavilhões dos países apresentavam as últimas novidades e os progressos científicos. O futebol brasileiro era o produto que gostaríamos de propagandear. A Copa de 1938 fora apenas uma amostra da genialidade e da beleza de nosso jogo; agora chegara a hora de conquistarmos o reconhecimento internacional, garantindo a vitória na Copa²⁶

²² Costa, Maurício da Silva Drumond. Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) / Maurício da Silva Drumond Costa. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. p.111

²³ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 26

²⁴ O criador do apelido de Diamante Negro foi o jornalista francês Raymond Thourmagem, da revista Paris Match, que encontrou no termo uma forma de caracterizar a magia do futebol de Leônidas da Silva. Logo após a Copa de 1938, a Lacta lançou o chocolate de mesmo nome para a população francesa. A empresa chegou a pagar uma pequena quantia ao jogador pelo direito de explorar a marca. Introduzido no Brasil, o chocolate se tornou rapidamente o mais vendido do país. Disponível em <http://www.ebc.com.br/esportes/2013/09/leonidas-da-silva-100-anos-do-craque-que-redefiniu-a-bicicleta> Acesso em 20 de nov. 2018

²⁵ Getúlio Vargas, Diário. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, v.2,p.140.

²⁶ MOURA, Gisella de Araújo. “O Rio corre para o Maracanã”, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

A seleção Uruguaia vence o Brasil de virada e silencia mais de 170 mil torcedores no Maracanã. O episódio foi um dos mais traumatizantes da história do futebol nacional e ficou conhecido como “Maracanaço”.²⁷

A tão sonhada conquista do mundial chegou em 1958, na Copa do Mundo da Suécia. O presidente Juscelino Kubitschek com o seu Plano de Metas, crescimento econômico e os “Anos Dourados” ficaram intrinsecamente atrelados a conquista da seleção.²⁸

JK usou politicamente cada vitória da seleção no torneio, tendo inclusive afirmado de maneira irônica ao presidente da CBD, João Havelange:

Durante a Copa do Mundo na Suécia, substituí vários ministros e não houve uma única palavra a respeito nos jornais. Estou pensando em fazer novas mudanças no futuro próximo. Qual é a data da próxima Copa do Mundo?²⁹

Como podemos notar, a utilização do futebol para fins políticos não foi uma novidade introduzida pelos militares. Eles, os militares, aperfeiçoaram a prática. Durante a ditadura o futebol ficou sob controle das vontades esportivas e políticas do Estado.³⁰

Com criação do campeonato brasileiro de futebol em 1971 os militares ano após ano vão inchando o campeonato para atender a interesses substancialmente políticos, excluindo qualquer fator futebolístico na inclusão de um clube, prática que se resume na frase atribuída ao presidente da CBD: “Onde a arena vai mal um time no Nacional”. O presidente da instituição em questão era o Almirante Heleno Nunes, que também era o presidente da ARENA no estado do Rio de Janeiro.³¹

A conquista da Copa do Mundo de 1970, no México, torna-se a propaganda máxima da imagem que os militares pretendiam passar sobre o

²⁷ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues*; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 80

²⁸ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 33, 34

²⁹ Agostino, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional/ Gilberto Agostino. – Rio de Janeiro: APERJ : Mauad, 2002 ;2. ed.: Mauad X, 2011. p. 143

³⁰ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues*; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 142

³¹ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues*; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 139

Brasil, tanto para os brasileiros, quanto no exterior. A seleção de Pelé seria a síntese da pujança nacional. E os órgãos de propaganda fariam um trabalho intensivo e extensivo em cima do tricampeonato mundial.³²

No entanto a conquista da taça *Jules Rimet* também levanta uma questão que antagoniza todo o caráter festivo ou de ufanismo do momento. Essa questão será fundamental, pois um dos protagonistas é um dos alvos de análises deste trabalho: a perseguição política era um dos modos operandi da ditadura militar. Por isso, no contexto do futebol não foi diferente: aqueles com ideias, opiniões, comemorações ou quaisquer outras manifestações políticas públicas, eram perseguidos politicamente. Os reflexos eram os mais variados possíveis: desde uma vigilância frequente, demissão ou até mesmo prisão e tortura.

³² Guterman, Marcos. *O Futebol Explica o Brasil: O Caso da Copa de 70*. 155f. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de SP, 2006.p. 109

Capítulo I:

João Saldanha: O “João sem medo”

O Brasil teve um dos maiores vexames na Copa do Mundo de 1966. Chegou como atual bicampeão mundial e foi eliminado na primeira fase, perdendo para Portugal e Hungria, vencendo apenas a Bulgária. O retorno da seleção da Inglaterra, anfitriã e campeã da Copa do Mundo, foi extremamente conturbada. João Havelange e membros da comissão técnica começaram a ser investigados pelo SNI³³. Os deputados federais queriam uma CPI para investigar o desempenho da seleção e os militares buscavam que os atletas pedissem desculpas públicas.³⁴ Segundo Carlos Sarmiento, no livro *A Regra do Jogo*, uma “noção crescente entre os agentes do SNI era a de que o futebol, por seu potencial de mobilização das massas, deveria ser mantido sob estreita e severa observação.”³⁵

Mediante a pressões de vários setores, João Havelange autoriza que Paulo Machado de Carvalho crie na CBD a Cosena (Comissão Seleccionadora Nacional), que tinha como algumas de suas funções: definir o treinador e analisar a lista de convocados. Cartolas de federações compunham a comissão, em sua maioria representavam políticos ou militares. Havelange já tinha em mente a ideia de militarizar o futebol, pois achava que o esporte tinha que se adequar a situação sócio-política do país.³⁶

Foi definido o retorno de Aymoré Moreira³⁷, mas devido a uma campanha irregular com algumas derrotas surpreendentes e as pressões desarticuladoras da Cosena, fizeram com que Havelange demitisse Moreira e

³³ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 66

³⁴ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmiento e Juliana Lage Rodrigues*; Texto Carlos Eduardo Sarmiento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 123

³⁵ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmiento e Juliana Lage Rodrigues*; Texto Carlos Eduardo Sarmiento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 123

³⁶ Máximo, João, 1935-João Saldanha: sobre nuvens de fantasia / Rio de Janeiro : Relume, 2005. p.91

³⁷ Aymoré Moreira foi o técnico campeão do mundo com a seleção brasileira em 1962, saindo do cargo em 22 de maio de 1963

acabasse com a Cosená, o que ia contra o interesse dos militares. No entanto, o que mais iria desagradar a alta cúpula do governo seria a escolha do próximo treinador: o comunista convicto, João Saldanha³⁸.³⁹

A missão do treinador não era nada fácil, pois tinha que classificar a seleção para a Copa de 1970. Entretanto esta árdua tarefa tinha que ser acompanhada de uma recuperação do entusiasmo do torcedor, que estava descrente e ausente dos estádios.⁴⁰ O que faz saltar aos olhos nesta situação é o fato de um treinador comunista ter sido contratado para treinar a seleção de um país ditatorial no auge da sua repressão. Alguns fatores ajudam a elucidar por que João foi o escolhido para o cargo.

Além do ponto extremamente relevante anteriormente citado – ser notório militante comunista - ele era jornalista além de treinador, e não poupava críticas aos integrantes e ao trabalho da Confederação Brasileira de Desporto. Um dos fatores levantados para justificar essa peculiar escolha foi que João, dentro da CBD, seria uma das mais importantes vozes opositoras silenciadas.⁴¹ Sendo essa uma organização com afinidades tão próximas aos militares, e seu presidente, Havelange, rodeado de escândalos de corrupção, por que Saldanha aceitaria esse cargo?

Tempos depois ele respondeu que pensou no momento político e “tem tortura, gente sumindo. Posso ser mais útil neste cargo. Útil para o futebol e para a política”.⁴² Em outra entrevista também sobre o assunto completa:

Quando fui convidado para assumir a seleção tinha plena consciência de que, se a ditadura fechasse ainda mais o cerco, eu poderia espirrar a qualquer momento, afinal de contas,

³⁸ Nascido em Alegrete (RS), mas foi no Rio de Janeiro que esta grande figura se mostrou para o Brasil. João Saldanha tinha múltiplas facetas. Conseguiu ao longo da sua vida ser escritor, advogado, jornalista, um dos principais membros do PCB (Partido Comunista Brasileiro) durante a ditadura militar e técnico da seleção brasileira. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.gov.br/index.php/ultimas-noticias/199-joao-saldanha-o-tecnico-que-desafiou-a-ditadura-militar-brasileira> acesso em 15 de nov. 2018

³⁹ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 66

⁴⁰ Segundo o jornalista Mauricio Azevedo “A seleção estava desacreditada. Era programado um jogo para o Maracanã, e, se dessas 20 mil, 30 mil pessoas, já seria um público extraordinário, porque ela havia chegado a um ponto muito baixo” João Saldanha: uma Vida Em Jogo pag. 289

⁴¹ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007.p. 286

⁴² Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 287

nunca escondi o que penso e os homens que me escolheram sabiam perfeitamente quem eu era.⁴³

Assim que chega ao cargo, para conseguir o objetivo de trazer os torcedores de volta chama seus convocados de as “feras do Saldanha”. Ele afirmava que “a seleção estava precisando de impacto, e aquilo era uma tentativa de transmitir otimismo”. João, na primeira coletiva, já definiu o time titular, surpreendendo a todos, inclusive os seus superiores - que exigiram que fossem avisados sobre escolhas do técnico para o elenco principal. João já deixara claro ali que ninguém escolheria por ele. Ponto este que mais tarde ajudaria na sua derrubada da seleção, numa polêmica com o presidente Médici.

No primeiro momento João consegue um enorme sucesso. A seleção que se apresentava para no máximo 30 mil pessoas – o que na época era um número baixo para um jogo da seleção. Nos dois primeiros jogos com o novo técnico, o público foi de 80 e 100 mil pessoas, no Maracanã e Beira-Rio respectivamente.⁴⁴ Dentro de campo os resultados foram os melhores possíveis. Conseguiu passar pelas eliminatórias invicto, com um futebol ofensivo e convincente. Como a torcida queria, venceu a atual campeã do mundo, além de melhorar as condições físicas usando as técnicas europeias como parâmetro.

O ano de 1970 foi decisivo para Saldanha, pois ali iniciara sua decadência da seleção brasileira. Sem dúvidas um tema extremamente polêmico e controverso, com várias versões sobre o assunto. O que temos de concreto é que a demissão aconteceu meses antes do Mundial. A sua dispensa como técnico da seleção ocorreu em 8 de março de 1970 e o Brasil fez seu primeiro jogo na Copa no dia 3 de junho do mesmo ano.

A demissão foi o ponto final de uma trajetória relativamente longa. O processo de desgaste entre o treinador e a confederação aumentava cada vez mais. Em grande medida por conta das entrevistas de João a imprensa internacional. Na Alemanha e na Inglaterra as entrevistas deram muita

⁴³ Saldanha, João, 1917-1990 Vida que segue: Saldanha e as copas de 1966 e 1970/João Saldanha; organização Raul Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 75

⁴⁴ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 298

repercussão por conta das respostas atravessadas, mas as respostas mais importantes para esse desgaste foram as sobre denúncias a ditadura.

Saiu no Le Monde, no Observer e no Excelsior, do México. Repeti a cantilena de tortura, presos, desaparecidos. Era o técnico do Brasil. Todo o mundo queria ouvir. Não perdi a chance.⁴⁵

Nessa entrevista João ainda daria números sobre presos e mortos pela ditadura, mas não sairia sem ser repreendido

Se o Brasil não ganha, eu ia ter que voltar para a China... Por causa dessa entrevista, eles me puseram nu no aeroporto. Não sei, mas no aeroporto, de vez em quando, eles gostam de striptease. Já fiquei nu aí umas três vezes. Eles queriam saber se era eu quem tinha dado a entrevista. Eu digo: "Claro que fui eu"⁴⁶

Como dito anteriormente, um dos pontos que influenciaram o aumento da pressão sobre o técnico do Brasil foi a ascensão do general Médici para a presidência. Não apenas um presidente, mas um torcedor-presidente. Era bom de bola, conversava muito sobre futebol e os times que o estimulavam eram Flamengo e Grêmio.⁴⁷ Tinha a fama de ir aos estádios assistir os jogos com o radinho de pilha. Saldanha duvidava que o rádio estivesse mesmo ligado⁴⁸. O presidente Médici, que anteriormente foi chefe do SNI⁴⁹, tinha todas as informações sobre o técnico da seleção, segundo José Bonetti.⁵⁰

Um dos maiores conflitos que desgastaram a imagem do técnico foi em relação ao atacante Dário. Nada diretamente relacionado com o jogador, mas sim com relação ao presidente. Médici deu uma declaração de que queria a

⁴⁵ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 320

⁴⁶ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 320

⁴⁷ Gaspari, Elio A ditadura escancarada / Elio Gaspari. — São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 128 e 130

⁴⁸ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 321

⁴⁹ Gaspari, Elio A ditadura envergonhada / Elio Gaspari. — São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 173

⁵⁰ SALDANHA. Entrevista, Roda Viva, 25/05/1987, 9'50"

convocação do Dário, então atacante do Atlético Mineiro.⁵¹ João dá uma resposta que se torna uma das conhecidas declarações do futebol:

“O Brasil tem 80 ou 90 milhões de torcedores, gente que gosta de futebol. É um direito que todos têm. Aliás, eu e o presidente ou o presidente e eu temos muita coisa em comum... Somos gaúchos, somos gremistas e gostamos de futebol... e nem eu escalo ministério, nem o presidente escala time. Você está vendo que nos entendemos muito bem.”⁵²

Em entrevista ao programa Roda Vida, João Saldanha deu a sua versão dos motivos que levaram a sua saída do cargo de treinador:

A morte de Costa e Silva foi dada oficialmente no dia 14 de novembro daquele mesmo ano, de 1969, Em seguida veio um triunvirato, lembra, um do exército, um da marinha e um da aeronáutica... Bom! Não se incomodaram comigo, três meses depois, [...] entra esse cara, o Médici, mau, rancoroso, frio [...] maior assassino da história do Brasil! Ai eu já sabia! [...] porque com o Costa e Silva, teve o começo do AI-5 [...] Aí veio e começou a pressão! Inclusive eu sugeri para o Havelange, quando ele dizia pô João, pelo amor de Deus, pede demissão com e eles fizeram aquela chantagem do tal do exame médico do Toninho e do Scala, e o Scala estava todo arreventado [...], mas o Toninho não tinha nada [...], cortaram o Toninho. Chamei aquele Zé Carlos do Cruzeiro, o que eles queriam? E o Havelange dizia: Pelo amor de Deus, chama o Dario, que a gente fica bem com os homens. Eu dizia: Havelange não adianta se abaixar, quanto mais se abaixar mais eles vão malhar. E pra cima de mim! [...] Porque o negócio não era a seleção brasileira era atender o homem.⁵³

Após uma outra entrevista para a imprensa mexicana sobre tortura praticada no Brasil, a situação fica insustentável. A partir desse momento um turbilhão de crises começam a atingir o ambiente da seleção. As quatro principais crises que rondaram a seleção de Saldanha foram: a militarização da seleção brasileira, a crise com o técnico Yustrach, problemas com Pelé e o empate com Bangu.

A intenção de Havelange de militarizar a seleção vai se concretizando aos poucos, e se inicia pela comissão técnica. Saldanha ia ficando ilhado por militares. O major-brigadeiro Jerônimo Bastos foi colocado como chefe de delegação, a Escola de Educação Física do Exército passou a ajudar na

⁵¹ Disponível em <https://trivela.com.br/ditadura-o-governo-militarizou-selecao-e-1982-foi-o-simbolo-da-redemocratizacao/> acesso em 30 de nov. 2018

⁵² Disponível em <http://www.memoriasreveladas.gov.br/index.php/ultimas-noticias/199-joao-saldanha-o-tecnico-que-desafiou-a-ditadura-militar-brasileira> acesso em 1 de dez. 2018

⁵³ SALDANHA. Entrevista, Roda Viva, 25/05/1987, 12'16"

preparação física dos jogadores, com isso os preparadores que entraram eram militares como os nomes dos capitães Claudio Coutinho, Benedito José Bonetti, Kleber Caldas Camerino, e Luís Carlos Pacheco Calomino além do subtenente Raul Carlesso.⁵⁴

O técnico de futebol Yustrach⁵⁵ passou a provocar João após a seleção perder um jogo treino para o Atlético Mineiro, time então dirigido por Yustrach. As provocações eram as mais variadas como por exemplo chamar João Saldanha de covarde, que não entendia nada de futebol entre outras coisas. João que fazia jus à fama de valentão, pegou um revólver e foi atrás do seu desafeto. Por sorte do rival, Saldanha não o encontrou, mas esse ocorrido trouxe uma grande repercussão negativa para João.

Pelé que foi considerado o atleta do século⁵⁶ e em 1970 já era considerado um dos maiores da história⁵⁷, estava em má fase dentro de campo. João decide colocá-lo no banco em um amistoso contra o Chile, e até críticos do seu trabalho concordam com a medida. Um dos principais fatores para a queda de rendimento era os trabalhos extracampo de Pelé “jogador, ator de TV, homem de negócios, publicitário, compositor, pré-vestibulando e pai de família”⁵⁸. A relação entre o jogador e o treinador se desgastou ainda mais quando Saldanha avisou que Pelé não conseguia jogar a noite pois tinha uma grave miopia.⁵⁹ O jogador na época admitiu que tinha o problema na visão, mas nada o impedia de jogar.⁶⁰

Por último, o estopim para a crise e saída do treinador foi um empate com o Bangu em um jogo treino. O jogo que terminara em 1 a 1 caiu como uma

⁵⁴ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 323

⁵⁵ Yustrach era o apelido de Dorival Knippel. Nasceu em 1917 em Mato Grosso do Sul, ele foi goleiro e treinador. Alguns clubes em que trabalhou como técnico foram: Flamengo, Futebol Clube do Porto Atlético Mineiro, Cruzeiro, Coritiba e Corinthians. Disponível em <https://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/yustrich-34> Acesso em 2 dez. 2018

⁵⁶ <https://iffhs.com/dev/legend/edson-arantes-do-nascimento-pele-2/>

⁵⁷ Guterman, Marcos. *O Futebol Explica o Brasil: O Caso da Copa de 70*. 155f. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de SP, 2006.p. 80

⁵⁸ Guterman, Marcos. *O Futebol Explica o Brasil: O Caso da Copa de 70*. 155f. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de SP, 2006.p. 84 *Última Hora*, 3.jul.1970, p. 11.

⁵⁹ Máximo, João, 1935-João Saldanha: sobre nuvens de fantasia / Rio de Janeiro : Relume, 2005. p. 113

⁶⁰ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 346

luva para a CBD, pois no meio de tanta turbulência esse resultado serviu como um ótimo pretexto para derrubar o técnico.⁶¹ No dia 18 de março de 1970, quatro dias após o jogo o técnico foi oficialmente desligado do cargo de técnico da seleção brasileira de futebol.

Apesar de ter saído da seleção brasileira João Saldanha não saiu do radar da ditadura. Afinal sua carreira como técnico terminou ali, mas continuou como cronista e comentarista. Documentos do SNI, disponíveis no Arquivo Nacional, mostram que o governo seguiu de perto os movimentos de Saldanha.

Em 27 de junho 1980, João Saldanha dá uma entrevista ao jornal Pasquim, onde comenta sobre a sua vida e carreira. No dia 10 de julho é produzido um documento no SNI sobre a publicação - e um dos pontos desse registro se enquadra no que Carlos Fico chama de Juízo sintético⁶², que seria uma forma de avaliar o cidadão dentro do seu espectro político - é dito que ele continua fiel ao marxismo, portanto lhe faltaria espírito patriótico. Outro documento que deixa claro a vigilância muito próxima da Ditadura é de 17 de maio de 1983, mas reporta de uma situação que ocorreu em 1982. O fato registrado foi o convite recebido por João Saldanha e Alberto Passos Guimarães⁶³ para integrar o futuro comitê central do partido do PCB. Segundo o documento da Ditadura ambos teriam aceitado. A avaliação do documento era A1, o que seria o mais alto grau de confiabilidade, dentro dos critérios estabelecidos pelo SNI.⁶⁴

O anticomunismo presente nesses documentos fica evidente quando analisamos algumas características como a fidelidade ao marxismo e o antipatriotismo. Algumas das imagens que o discurso anticomunista passa é que o comunista é por definição um traidor, especialmente traidor da pátria um comunista é um impatriota.⁶⁵

Posteriormente um outro documento, de 19 de julho de 1990, é produzido notificando o falecimento de João Saldanha em Roma na Itália, e termina ressaltando que era ex-membro do comitê central do partido comunista.

⁶¹ Siqueira, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007. p. 358

⁶² Fico, Carlos. Como eles agiam/Carlos Fico – Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 98

⁶³ Alberto Passos Guimarães era ensaísta e também militante do PCB

⁶⁴ Fico, Carlos. Como eles agiam/Carlos Fico – Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 95

⁶⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. p. 103-104

Capítulo II:

Reinaldo: bom de bola e bom de cuca

“Esse foi o meu primeiro trauma ao confrontar o Regime Militar”. Assim se refere Reinaldo ao seu primeiro contato com o regime ditatorial recém instalado. Muito antes de ser um problema político para a Ditadura Militar no ambiente esportivo, Reinaldo, desde a sua tenra idade, teve seu primeiro choque com o golpe de Estado que a pouco tinha sido implantado:

Eu era menino de rua, brincando ali, e justamente no dia do aniversário do meu pai, no dia 30, eu que acordava de manhã e já pulava a janela para jogar bola, foi a primeira vez que eu dei de frente com a ditadura militar. Acordei cedo, fui pular a janela para jogar bola e no passeio da minha casa, eu tinha esse vizinho que era um comunista, que depois eu vim saber, encontrei dois soldados do Tiro de Guerra. E eu com aquilo assustei, pois eu não podia nem jogar bola. Esse foi o meu primeiro trauma ao confrontar o Regime Militar.⁶⁶

A sua orientação política na adolescência em Belo Horizonte, por volta de 1975 e 1976, teve influência especial por ser vizinho, Antônio Carlos Christo⁶⁷, da amizade com o Leonardo Christo, irmão do Frei Betto, com o próprio Frei Betto após a sua saída da prisão e até com Lula.^{68 69} Criado em um ambiente politizado, o jovem jogador buscava espaço para expressar suas opiniões políticas. A opção que o atleta encontrou para sua manifestação política foi por meio do gesto que ficou marcado em sua carreira: comemorar o gol erguendo o braço direito, com o punho cerrado.

Reinaldo comemorava seus gols com os punhos cerrados e a mão erguida, um gesto que fazia referência ao Partido dos Panteras Negras. Suas amizades com artistas considerados subversivos e suas posições independentes incomodavam militares e dirigentes. Segundo parte da imprensa e de acordo com o próprio jogador, manobras foram realizadas

⁶⁶ REINALDO. Disponível em: < <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/reinaldo/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

⁶⁷ Antônio Carlos Christo era juiz e também era jornalista.

⁶⁸ REINALDO. Disponível em: < <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/reinaldo/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

⁶⁹ LIMA, José Reinaldo. *José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33p.

para impedir sua presença na final de 1977⁷⁰, assim como sua trajetória na seleção teria sido prejudicada.⁷¹

O gesto era típico do Partido dos Panteras Negras, que tinha uma orientação política marxista⁷². Reinaldo teve como inspiração dois atletas norte-americanos, Tommie Smith e John Carlos, que ganharam ouro e bronze, respectivamente, na prova de 200m rasos na olimpíada de 1968, realizada na Cidade do México, e durante a execução do hino americano os atletas fizeram o gesto de protesto. O COI⁷³ banuiu os dois atletas dos jogos.

Existem alguns pontos que diferenciam os casos, entre eles: distância temporal, mudança de contexto político e inclusive de reivindicações. Entre o emblemático caso dos atletas norte-americanos e o início das comemorações do Reinaldo existe uma diferença de 9 anos que os separam. Tanto Smith, quanto Carlos usaram o gesto como uma forma de protesto ao sistema de segregação racial norte americano. Reinaldo também era negro, mas a sua reivindicação estava diretamente ligada a um embate ideológico contra a ditadura brasileira, apesar de que para fugir da repressão, ele dizia no começo “que era um protesto estritamente racial”⁷⁴.

É importante que a justificativa de Reinaldo para seu ato não passe ao largo de uma análise. Ter categorizado seu próprio gesto de protesto e resistência ideológica à Ditadura Militar Brasileira como “estritamente racial” foi uma estratégia ímpar para jogar com a própria visão da ditadura sobre o debate racial: o mito da democracia racial. Dentro desta teoria a respeito das relações raciais brasileiras, formulada por Gilberto Freyre⁷⁵, o autor defende que a miscigenação tenha acontecido de forma harmônica entre indivíduos negros, indígenas e brancos e, por isso, a raça não seria um fator de empecilho para

⁷⁰ Final do Campeonato Brasileiro de 1977 entre Atlético-MG e São Paulo FC.

⁷¹ Santos, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012. p. 129

⁷² Samyn, Henrique Marques (org.). Por uma revolução antirracista: uma antologia de textos dos Panteras Negras (1968-

1971). Organização, tradução, introdução e notas por Henrique Marques Samyn. Rio de Janeiro: edição do autor, 2018. p. 100

⁷³ COI: Comitê Olímpico Internacional

⁷⁴ Lima, Pilipe Van R. Punho cerrado: a história do rei / Philipe Van R Lima; Préfacio Chico Pinheiro. – Belho Horizonte, MG: Letramento, 2016. p. 94

⁷⁵ Freyre, Gilberto, 1900-1987. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo : Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil ; 1).

ascensão social no Brasil, já que também nosso país não apresentaria qualquer indício de conflito racial. Estando imerso em um governo que, além de acreditar, propagava internacionalmente tal teoria⁷⁶, se Reinaldo fosse reprimido pela ditadura por erguer seu punho cerrado em orgulho à sua negritude, isso validaria a existência de uma tensão racial no Brasil – tensão esta, que os militares faziam de tudo para negar.

No entanto, ambos os casos utilizaram o mesmo espaço simbólico construído em torno dos fenômenos esportivos⁷⁷. Os atletas nas olimpíadas e o jogador brasileiro na copa do mundo de 1978.

Essa primeira forma de manifestar acabou não sendo compreendida por boa parte dos torcedores, sendo mais bem compreendido por conservadores e por militantes de esquerda⁷⁸. Reinaldo então decidiu aproveitar os holofotes e dar declarações políticas:

Foi consciente. Como eu te falei, eu tinha esse espaço na mídia e tinha essas tribunas. Eu recebia mais de 500 cartas por dia do Brasil inteiro. Eu era artilheiro do campeonato brasileiro, eu dava essas entrevistas todas. Eu era uma celebridade, andava nas ruas e as pessoas me paravam. Eu era o destaque do futebol brasileiro. Era um momento que eu tinha tudo ali pra falar e eu quis aproveitar justamente esse momento que foi também de muita coragem. E por isso eu também sofri muitas retaliações que acabou até prejudicando a minha carreira.⁷⁹

É possível observar nesta fala de Reinaldo um comportamento parecido com o de João Saldanha – personalidade trabalhada no capítulo anterior: a necessidade de falar. Não só a necessidade, como também um sentimento de dever diante de suas projeções midiáticas e do alcance que suas palavras tinham na época. Reinaldo, ao afirmar que seu gesto foi consciente, afirma também que já sabia das retaliações que sofreria, mas na fala destacada acima ele associa a sua necessidade de falar contra a ditadura militar à sua

⁷⁶ Nascimento, Abdias. O gebocidio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado – 3 ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016, p. 93-96.

⁷⁷ Euclides de Freitas Couto. A ESQUERDA CONTRA-ATACA: REBELDIA E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FUTEBOL BRASILEIRO (1970-1978). Recorde: Revista de História do Esporte. Ufrj . volume 3, número 1,P.1-22, junho de 2010, p. 10

⁷⁸ Lima, Pílope Van R. Punho cerrado: a historia do rei / Philipe Van R Lima; Préfacio Chico Pinheiro. – Belho Horizonte, MG: Letramento, 2016, p.95

⁷⁹ Euclides de Freitas Couto. A ESQUERDA CONTRA-ATACA: REBELDIA E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FUTEBOL BRASILEIRO (1970-1978). Recorde: Revista de História do Esporte. Ufrj . volume 3, número 1,P.1-22, junho de 2010, p. 15

fama, às várias cartas que recebia diariamente e às pessoas que o paravam na rua. Essa associação leva a pensar: o que diziam essas cartas? O que essas pessoas que o paravam diziam para ele? Por que ele sentia que deveria - mesmo tendo a certeza de que isso o prejudicaria, o que ele categoriza como “momento que foi também de muita coragem” - falar ou fazer tudo aquilo? Perguntas como estas, sem dúvidas, norteariam uma nova pesquisa, mas o que cabe analisar aqui nesta monografia, é que Reinaldo provavelmente associava a satisfação do público apaixonado por futebol à liberdade – liberdade esta que era cerceada pela ditadura militar, mas que ele via em sua fama um possível caminho para conquista-la em plenitude novamente.

Uma das mais importantes declarações foi para o semanário Movimento de 6 de março de 1978, as vésperas da Copa do Mundo da Argentina, com a seguinte manchete: “Reinaldo: bom de bola e bom de cuca” e a chamada da matéria:

O mais novo fenômeno do futebol, o centroavante Reinaldo também é bom das ideias. A favor da organização dos jogadores em associações, critica o individualismo, defende a anistia, a Constituinte e, ao contrário de Pelé, acha que o povo brasileiro está preparado “como sempre esteve” para votar.

O jornal elogiou a inteligência do jogador e a sua coragem por se posicionar. O jogador começa criticando o campeonato por conta do seu tamanho - no ano de 1977 a competição teve 62 participantes – e o chama de antidemocrático, pois os jogadores teriam pouca participação política: “Muitas vezes a gente não pode dizer o que pensa porque é levado pela máquina. Aqui no Brasil o esquema é muito forte e é difícil desfazer uma imagem criada.”⁸⁰

Ele continua suas críticas ao maior jogador da história, Pelé, afirmando que ele teria se perdido no meio de seus assessores e por conta disso não teria opinião própria. Discordava também de Pelé sobre a questão do brasileiro estar preparado ou não para votar, afirmando: “eles (os militares) que fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar” Sobre a anistia afirma que “ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde, porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem novas

⁸⁰ “Reinaldo: bom de bola e bom de cuca”, Movimento, 06 mar. 1978, p.9.

ideias e caminhos diferentes.” Defende uma nova constituinte e o voto direto “em tudo o povo tem que ter participação”, além de ser a favor de uma maior distribuição de renda “a gente dá mais lucro para o dono e o salário não dá”.⁸¹

As publicações do Movimento tiveram grande repercussão na mídia, nos torcedores, nos palácios e quartéis. “O jogador de futebol deve ou não expressar suas posições políticas? Reinaldo deve ser cortado por não concordar com a política do governo? – perguntavam os programas esportivos radiotelevisivos”.⁸²

O presidente Heleno Nunes sempre elogiava Reinaldo, por exemplo na edição de 20 de janeiro de 1978, por telefone, disse revista Placar:

Amaral, Toninho Cerezzo e Reinaldo são as grandes revelações da Seleção Brasileira. E estimo que Reinaldo seja a maior de todas essas revelações, principalmente por se tratar de um artilheiro, o homem que faz os gols que todos queremos. Desde que o vi, em Minas, manifestei meu entusiasmo por seu futebol. Cheguei mesmo a dizer que ele tem qualidades para ser um Tostão melhorado. E creio que isso basta para dar uma ideia do apreço que tenho por seu futebol e as esperanças que deposito nele.⁸³

Heleno Nunes, que até então sempre elogiou, como na citação acima onde trata Reinaldo como uma das maiores revelações do futebol brasileiro, após as falas de teor político e crítico do atacante do Atlético Mineiro o almirante Nunes muda o seu tom e passa a dar declarações como essa que foi publicada pelo jornal Estado de Minas: “Reinaldo não possui as condições físicas exigidas por uma competição de alto nível”⁸⁴.

Realmente a questão física sempre foi uma fragilidade do atacante⁸⁵, no entanto na mesma edição da revista placar, a pouco citada, no início do ano Heleno Nunes revelou um

episódio dramático da infância de Reinaldo, revelador de sua férrea vontade de vencer. De origem humilde, Reinaldo tinha uma deficiência física nas pernas, semelhante à sequela deixada pela poliomielite(...)família sem recursos, a reabilitação se fez com auxílio de uma bola de borracha. E foi

⁸¹ “Reinaldo: bom de bola e bom de cuca”, Movimento, 06 mar. 1978, p.9

⁸² Euclides de Freitas Couto. A ESQUERDA CONTRA-ATAACA: REBELDIA E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FUTEBOL BRASILEIRO (1970-1978). Recorde: Revista de História do Esporte. Ufrj . volume 3, número 1,P.1-22, junho de 2010. p.16

⁸³ Placar 20 de janeiro 1978 p 12

⁸⁴ Estado de Minas, 07 abr. 1978, p.6.

⁸⁵ Em 1972, com apenas 15 anos, já foi submetido a uma cirurgia no tornozelo.

assim com 2 horas diárias de treinamento que suas pernas começaram a reagir⁸⁶

A declaração de Heleno Nunes ao Estado de Minas, se analisada juntamente com a fala na revista Placar, mostra uma grande contradição do dirigente esportivo, pois em janeiro de 1978 ele cita um caso na vida de Reinaldo onde Nunes revela, em suas palavras, “uma férrea vontade de vencer” apesar dos seus problemas físicos de Reinaldo, mas afirma que ainda assim ele seria uma das “grandes revelações da Seleção Brasileira”. Já em abril do mesmo ano, Nunes afirma que Reinaldo não possuiria capacidades físicas. Essa mudança de opinião do cartola ocorre um mês depois da entrevista do atleta ao Movimento.

As declarações também repercutiram inclusive na Assembleia Legislativa de Minas Gerais onde o deputado Sylo Costa, da ARENA, atacou Nunes o acusando de preferir a convocação de Roberto Dinamite para resolver problemas políticos no Rio de Janeiro e também se beneficiar politicamente no Vasco, clube onde Dinamite atuava, pois o presidente da CBD também era conselheiro do time carioca.⁸⁷

O jornal Movimento fez outra matéria com a manchete “Por que querem afastar Reinaldo?” onde diz que: “Há uma crescente convicção de técnicos, jogadores, comentaristas e até de alguns cartolas de que o presidente da CBD quer afastar Reinaldo da seleção por causa de suas recentes manifestações políticas”⁸⁸

O SNI, na data de 20 de abril de 1978, cria um documento confidencial em que anexou recortes de jornais e enumerou em cinco pontos o conteúdo da entrevista de Reinaldo. O primeiro ponto é descritivo sobre o nome do jornal, data, nome do atleta e descrição da capa. O segundo é mais longo, traz o nome do repórter - Aloísio Moraes - e levanta os principais pontos da entrevista como as leituras que o atleta tem costume de fazer, desde os jornais até o livro que estava lendo na época - Cartas da Prisão do Frei Beto -, o comentário sobre Pelé, anistia e a distribuição de renda. O terceiro ponto afirma que o jornal “explora de maneira tendenciosa” as opiniões do jogador, além de

⁸⁶ Placar 20 de janeiro 1978 p 12

⁸⁷ “Por que querem afastar Reinaldo?”, Movimento, 6 mar,1978.

⁸⁸ “Por que querem afastar Reinaldo?”, Movimento, 6 mar,1978.

também relatar sobre a segunda reportagem do Movimento “Por que querem afastar Reinaldo”. No quarto ponto destaca a matéria da última página do jornal que sob o título “se jogador é para jogar futebol, então o que é que os cartolas então fazendo na política?”. Por último fala da grande repercussão que a reportagem teve na imprensa escrita de Porto Alegre e Belo Horizonte, citando todos os veículos de notícias que repercutiram o tema, como os jornais “Estado de Minas”, “Folha da Manhã” e o “Zero Hora”.

Esse documento do SNI recebe a classificação de confidencial, apesar de grande parte serem recortes de jornais. Essa prática não era rara, segundo Carlos Fico “muitas vezes, os analistas de informações classificavam como “confidencial” uma simples notícia de jornal ou dados amplamente conhecidos.”⁸⁹

Chegavam cartas apoiando Reinaldo na sede do Atlético Mineiro⁹⁰, na Universidade Católica de Minas Gerais os estudantes escrevem nos muros “abaixo a repressão, Reinaldo na seleção” e “Por que Reinaldo não pode ter opinião política?”⁹¹

Jogador campeão da Copa do Mundo de 1970 e então vereador Wilson Piazza, do MDB, foi na contramão da maioria dos políticos e afirmou que “se ficar patente qualquer pressão de dirigentes da CBD que venha prejudicar Reinaldo, a associação tomara medias sobre o caso”⁹². A associação em questão era AGAP⁹³ em que Piazza também era presidente.

Vendo todo esse cenário, o presidente do Atlético Mineiro, Valmir Pereira, foi até o Rio de Janeiro para conversar pessoalmente com o almirante Heleno Nunes para tratar especificamente do caso Reinaldo. Após a reunião a declaração do almirante mudou de tom: “Reinaldo é um gênio, ele é imprescindível à seleção”⁹⁴.

Após grande pressão, Reinaldo foi convocado para a Copa do Mundo de 1978. Mas para além de discussões políticas a convocação do

⁸⁹ Fico, Carlos. Como eles agiam/Carlos Fico – Rio de Janeiro: Record, 2001. p.99.

⁹⁰ Euclides de Freitas Couto. A ESQUERDA CONTRA-ATACA: REBELDIA E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FUTEBOL BRASILEIRO (1970-1978). Recorde: Revista de História do Esporte. Ufrj . volume 3, número 1,P.1-22, junho de 2010. p.16

⁹¹ Movimento, 10 abr. 1978, p.20a.

⁹² Movimento, 10 abr. 1978, p.20a.

⁹³ AGAP: Associação da Garantia ao Atleta Profissional de Minas

⁹⁴ Movimento, 10 abr. 1978, p.20b.

Reinaldo se sustentava pela temporada brilhante, fazendo 28 gols no campeonato brasileiro e levando a bola de prata da competição⁹⁵.

Antes do embarque da seleção para a Argentina, os jogadores foram recebidos pelo presidente Geisel, no Rio Grande do Sul. O então ministro da Educação, Ney Braga, chamou Reinaldo para uma reunião privada com o presidente:

E o Ney Braga falou, nós vamos lá te apresentar para o presidente, o general lá. Aí chegamos, “esse é o menino Reinaldo, tal”. “Ah, esse que é o menino? Você joga muito bem, você vai jogar bola, mas não mexe com política, não fale de política, deixa que a gente resolve as questões políticas. Vocês jogam bola.” “Tá bom, sim senhor.”

O presidente da República foi pessoalmente dar uma ordem para Reinaldo cessasse suas manifestações políticas e também foi sugerido que mudasse sua característica comemoração, agora pelo também militar e dirigente da CBD, André Richer, “Comemore de braços abertos que é mais bonito”.⁹⁶

O Brasil estreou na Copa do Mundo contra a Suécia, saiu atrás no placar no primeiro tempo do jogo e chegou ao empate com o gol do camisa nove da seleção. Assim que fez o gol, ergueu o punho e fez a comemoração:

Não sei mensurar o impacto desse gesto durante a Copa do Mundo, pois estava isolado na concentração da seleção e não chegava muitas notícias lá. Naquele ambiente, o foco era total no futebol, não se fazia política ali. Mesmo assim, foi um ato muito ousado, pois eu havia recebido a recomendação de não comemorar daquela forma inclusive das autoridades argentinas.

⁹⁷

Após o primeiro jogo ter terminado empatado em 1 a 1, o segundo jogo contra a Espanha terminou 0 a 0, além da péssima atuação da seleção. Heleno Nunes sai do Rio de Janeiro e vai até a Argentina e segundo Reinaldo

⁹⁵ BOLA DE PRATA: DE 1970 A 2018, VEJA TODAS AS SELEÇÕES JÁ ELEITAS. Disponível em: < https://www.espn.com.br/futebol/bola-de-prata/artigo/_id/5041953/bola-de-prata-de-1970-a-2018-veja-todas-as-selecoes-ja-eleitas>. Acesso em: 18 jun. 2019.

⁹⁶ Lima, Pílpe Van R. Punho cerrado: a historia do rei / Philipe Van R Lima; Préfacio Chico Pinheiro. – Belho Horizonte, MG: Letramento, 2016. p.146.

⁹⁷ Lima, Pílpe Van R. Punho cerrado: a historia do rei / Philipe Van R Lima; Préfacio Chico Pinheiro. – Belho Horizonte, MG: Letramento, 2016. p. 148.

“ele (Heleno Nunes) chegou e mudou o time, na reunião mudou o time”⁹⁸. Foram feitas três mudanças com a saída de Reinaldo, Zico e Edinho.

A comemoração com os punhos cerrados chamou atenção de alguns grupos opositores dos regimes ditatoriais do cone Sul⁹⁹. Quando a seleção chegou em Mar Del Prata, recebeu um pacote vindo da Venezuela endereçado ao Reinaldo. Ao abrir o jogador se deparou com um relatório sobre a operação Condor

Abri o envelope, vi, estava tudo em espanhol também, e falando da... eu comecei a ler, eu acho que tinha esse acordo do Letelier¹⁰⁰, falando mais da explosão do Letelier¹⁰⁰ e fazendo a comparação com o acidente do Juscelino. Um envelope, um texto mais grande, eu li só início, depois eu guardei, deixei debaixo da cama, e durante a Copa não mexi.¹⁰¹

Segundo Pio Penna “a ideia da Operação Condor era criar de fato uma agência internacional que coordenasse atividades contra os grupos que contestavam as ditaduras militares do Cone Sul¹⁰². Segundo Reinaldo, ao retornar ao Brasil entregou o documento ao músico Gonzaguinha e que nunca mais falaram sobre isso.

Reinaldo entraria em somente mais um jogo na Copa do Mundo e jamais retornaria a dar início a uma partida de Copa do Mundo, pois na Copa seguinte, a de 1982, também envolto de polêmicas, acaba sendo barrado pelo técnico Telê Santana.

Em abril de 1980 Telê Santana foi contratado como técnico da seleção brasileira. A notícia era muito boa para Reinaldo, pois o técnico já havia treinado o jogador no início da carreira no Atlético e a relação dos dois era de admiração.¹⁰³

⁹⁸ LIMA, José Reinaldo. *José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33p. p. 10.

⁹⁹ O Cone Sul da América do Sul é formado por Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile e Bolívia.

¹⁰⁰ Orlando Letelier del Solar, foi um diplomata e político chileno.

¹⁰¹ LIMA, José Reinaldo. *José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33p. p.22.

¹⁰² PENNA FILHO, Pio. O Itamaraty nos anos de chumbo: o Centro de Informações do Exterior (CIEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979). *Rev. bras. polít. int.* [online]. 2009, vol.52, n.2, pp.43-62. ISSN 0034-7329. p. 47

¹⁰³ Lima, Pilipe Van R. *Punho cerrado: a história do rei / Philipe Van R Lima; Préfacio Chico Pinheiro.* – Belho Horizonte, MG: Letramento, 2016. p. 201.

O treinador inclusive deu uma entrevista a revista Placar elogiando bastante o atacante

O Reinaldo é a reunião de tudo o que pode querer num centroavante: técnica, inteligência, chute, cabeceio, drible. É o centroavante mais perigoso que já vi. Vou convocá-lo sempre que estiver em boa forma.¹⁰⁴

Entretanto uma onda de boatos começam a surgir sobre o jogador. Por exemplo críticas a supostas noitadas que o jogador frequentaria, amizades com artistas em especial com o radialista Tutti Maravilha, que era homossexual assumido e novamente por suas posições políticas.

Reinaldo realmente saía para bares, mas segundo o seu colega de seleção Sócrates¹⁰⁵ não teria nada de boêmio a vida de Reinaldo, “Como é que eu fui para a Copa? Eu bebia numa noite o que o Rei bebia em um ano. Não tinha nada de boêmio”¹⁰⁶.

A amizade com Tutti Maravilha também rendeu boatos, em especial em relação a sua sexualidade. Tutti falou durante seu programa de rádio

“Esse papo com o Reinaldo é coisa careta, de um país careta e de uma sociedade infestada de falsos moralistas. Eu sou homossexual e amigo do Reinaldo como sou amigo de uma porção de outras pessoas. Tudo limpo, tudo às claras. A cabeça das pessoas é que é suja”.¹⁰⁷

Reinaldo comenta sobre o caso de homofobia “se saio à noite com mulheres, sou boêmio. Se não saio, sou viado. O que fazer?”¹⁰⁸

E essa polemica ainda lhe rendeu uma censura por parte do treinador da seleção segundo a revista Placar de 22 de janeiro de 1982

A partir dali, Telê começou a censurá-lo – ora pela amizade do jogador com homossexuais, ora por suas brigas com a namorada, ora por suas ligações com o Partido dos Trabalhadores.¹⁰⁹

¹⁰⁴ Revista “Placar”, p. 60 – 31/10/1980

¹⁰⁵ Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira é um dos maiores ídolos da história do Corinthians.

¹⁰⁶ Lima, Pilipe Van R. Punho cerrado: a história do rei / Philipe Van R Lima; Préfacio Chico Pinheiro. – Belho Horizonte, MG: Letramento, 2016. p.204.

¹⁰⁷ REINALDO, A COPA DE 1982 E A DITADURA MILITAR. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/reinaldo-a-copa-de-1982-e-a-ditadura-militar/>> . Acesso em : 18 jun. 2019.

¹⁰⁸ REINALDO, A COPA DE 1982 E A DITADURA MILITAR. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/reinaldo-a-copa-de-1982-e-a-ditadura-militar/>> . Acesso em : 18 jun. 2019.

¹⁰⁹ Revista “Placar”, p. 21 – 22 jan. 1982.

E meses antes também a mesma revista fez uma declaração sobre Reinaldo

A única coisa que Reinaldo sabe fazer é jogar futebol, mas andaram botando na cabeça dele que ele é um intelectual e que precisa ajudar os índios, o Lula e o Frei Beto. (..) Ele não tem problema de lesão, não está 'bichado' e pode perfeitamente ser o melhor da sua posição no Brasil (...) Porém, se continuar do jeito que está, não sei não. ¹¹⁰

Nessa declaração Telê diz explicitamente que o problema com Reinaldo era por suas questões políticas e extracampo, afinal era incontestável seu talento. Em mais uma copa apenas o talento não foi suficiente para que o jogador pudesse representar seu país, agora com um diferencial, pois apesar da distensão política Reinaldo nem convocado para a segunda copa ele foi.

¹¹⁰ Revista "Placar", p. 44 – 13 nov. 1981.

Capítulo III:

“Juca”: pseudônimo de José Carlos Amaral Kfourí

*Acorda amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição
Era a dura, numa muito escura viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá chame, chame o ladrão, chame o ladrão
Acorda amor*¹¹¹

“Eu e a minha mulher vivemos literalmente aquela música do Chico chame o ladrão, chame o ladrão”¹¹² Juca se refere nesse trecho da entrevista ao canal do YouTube História da Ditadura ao momento de sua prisão na noite de 7 de setembro de 1971. A música se chama Acorda Amor, e realmente a história retratada na música se assemelha muito a história que ocorreu com Juca.

Pouco antes da meia noite deitado com sua mulher ouvem a “campainha tocar forte e a porta do apartamento ser esmurrada” e quando abre a porta “sei lá quantos homens armados de metralhadora entraram na sala”¹¹³. Foram presos e levados para a rua Tutoia onde passariam por tortura até serem liberados na noite seguinte.

Juca relata como foi o interrogatório:

Com muito medo, mas firme, comecei a responder o interrogatório.

-Você é comunista?

- Não – menti

-Mas socialista você é?

-Socialista é o ideal cristão – respondi.

¹¹¹ Buarque, Chico. Sinal Fechado. Julinho de Adelaide / Leonel Paiva. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/2dRFjONWlvPynA4mlX02Ru>>, < 1974>. Acesso em: 04/12/2019

¹¹² 10:45 HISTÓRIA DA DITADURA. Futebol, Política e Ditadura | Entrevista com Juca Kfourí (Parte final). 2018. (10m45s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9sSY3nJ9fW4>>. Acesso em: 28 de nov. 2019.

¹¹³ Kfourí, Juca Confesso que perdi : Memórias / Juca Kfourí. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017. p. 23

- Você tem um primo procurado como terrorista¹¹⁴ – afirmou o interrogador.

Como tenho outro que é o braço direito do governador Laudo Nate!¹¹⁵

- Por que você tem tantos livros subversivos?

-Não são subversivos, são livros de estudo da faculdade.

- Sua mulher já viu seu amigo pelado?

-É claro que que não.

-Pois vai ver agora e vai chupar o pau dele na sua frente.

-Sou um cidadão comum, pago meus impostos, você não tem nada contra mim e eu exijo ser bem tratado e ficar ao lado da minha mulher.

O interrogado, de cabelo cortado rente e não mais de 35 anos, levantou-se irritado e me deu um tapa no rosto, gritando:

-Vocês saem na chuva e não querem se molhar. Você vai ficar com ela até que a gente saiba tudo. Daí você vai ver o que é bom, porque aqui pode ser o céu ou o inferno.¹¹⁶

Os interrogadores do DOI viam o suspeito como um inimigo em potencial, onde ele se tornava apenas um depositário de informações que poderia servir para combater as organizações de esquerda.¹¹⁷ Uma parte do relato do Juca Kfourri de extrema relevância é a parte da tortura psicológica, onde o torturador ameaça torturar sexualmente Susana, a então esposa do Juca.

Levando em conta a desigualdade social de gênero e sexualidade e a própria estruturação de gênero e sexualidade da violência, brevemente tratadas na parte conceitual e no tópico dedicado à normativa internacional, a ênfase do capítulo será dada à violência experimentada pelas mulheres, sem ignorar as violações sexuais cometidas contra homens, que aparecem frequentemente associadas à emasculação do “inimigo”¹¹⁸.

¹¹⁴ O primo procurado era o João Carlos Kfourri Quartim de Moraes.

¹¹⁵ O outro primo seria Henri Aidar.

¹¹⁶ Kfourri, Juca Confesso que perdi : Memórias / Juca Kfourri. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017. p. 23-24.

¹¹⁷ Joffily, Mariana. No centro da engrenagem : os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975) / Mariana Joffily ; orientadora Maria Aparecida de Aquino. - São Paulo, 2008. p. 242.

¹¹⁸ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade. – Recurso eletrônico. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1) p. 400- 401

Uma forma de atacar Juca seria assistir sua esposa fazer sexo oral forçado em seu amigo. Essa prática se configura em uma violência sexual grave, segundo a OMS¹¹⁹

quaisquer atos sexuais ou tentativas de realizar um ato sexual, comentários ou investidas sexuais não consentidos (...) Abrange toda ação praticada em contexto de relação de poder, quando o abusador obriga outra pessoa à prática sexual ou sexualizada contra a sua vontade, por meio da força física, de influência psicológica (intimidação, aliciamento, indução da vontade, sedução) ou do uso de armas e drogas.¹²⁰

A tortura sofrida por Susana, esposa de Juca, se enquadra nessa definição de violência sexual, onde também tem um outro ponto que seria uma tentativa de emasculação sobre Juca, afinal dentro a noção patriarcal que a ditadura seguia, onde o homem é o dono do poder sobre a relação com a mulher, assistir sua esposa praticar sexo oral na sua frente seria uma forma de humilhação. Na definição da comissão nacional da verdade a “violência psicológica é caracterizada por ações de rejeição, depreciação, humilhação, discriminação e desrespeito”¹²¹.

O motivo da prisão foi por conta de uma situação peculiar, afinal, Juca tinha feito parte da ALN – Aliança Libertadora Nacional. Ele fazia parte da operação de apoio fazendo documentações falsas para tirar militantes do Brasil e dirigia para Joaquim Câmara Toledo, conhecido como o Velho, que era braço direito do Carlos Marighella.¹²²

Entretanto, a prisão se deu porque Juca passou um fim de semana com amigos do curso de ciências sociais e o colega estacionou o carro errado chamando atenção da polícia, dentro do veículo era possível ver vários panfletos políticos e ao verificar a placa do carro notaram que era de uma pessoa que já

¹¹⁹ OMS: Organização Mundial da Saúde

¹²⁰ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade. – Recurso eletrônico. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1) p. 418.

¹²¹ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade. – Recurso eletrônico. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1) p. 418

¹²² Alencar, Carlos. Juca Kfour: o militante da notícia/ Carlos Alencar. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 14-15.

tinha sido presa. Esse amigo de Juca em questão, Eduardo Ralston, participava da VAR-Palmares. A polícia não sabia do envolvimento de Juca em organizações clandestinas, mas como era estudante de ciências sociais a polícia encontrou vários livros considerados subversivos em sua residência.

Em um documento confidencial do SNI, obtido após pesquisa no arquivo nacional, da data de dezoito de agosto de 1980 mostram uma ficha com as informações que os órgãos de espionagem tinham de Juca Kfourri. A ficha foi dividida em a,b,c e d. No primeiro parágrafo trata de deixar claro que “JUCA” era um pseudônimo para José Carlos Amaral Kfourri. Informa também que ele era redator do jornal Voz da Unidade, que o documento o coloca como órgão oficial do PCB. No item a tem informações pessoais como data e local de nascimento, RG, nome dos pais, profissão, estado de civil e residência. No item b apenas a confirmação que ele era diretor da revista Placar. No item c do documento confirma a prisão de Juca em setembro de 1971 pelo DOI, sob acusações de subversão. Em outro ponto traz que Juca tinha conhecimento que Eduardo Ralston e Fabio Ionesco já haviam sido presos por subversão. E por último afirma que “os livros de caráter subversivo encontrados em sua residência eram para estudos de Sociologia”. Por fim, o item d contém apenas dados pessoais como título eleitoral, certificado de dispensa, certidão de nascimento, certidão de casamento e passaporte. Na última linha diz a informação “não possui antecedentes criminais”

Após a prisão Juca foi espionado de perto por pelo menos três meses, isso até onde ele percebeu, por dois agentes policiais.¹²³

Depois desse acontecimento em uma conversa com Joaquim Câmara Toledo ele aconselha ao jovem estudante de sociologia a sair da luta armada e construir a sua vida:

“Bira vai cuidar da sua vida. O jovem Marx já dizia: não queira resolver os problemas dos outros sem antes resolver os seus”. E me liberou. Se ele não tivesse me liberado provavelmente eu teria morrido. Teria sido mais um dos que

¹²³ Alencar, Carlos. Juca Kfourri: o militante da notícia/ Carlos Alencar. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 27.

acabaram morrendo naquela experiência da luta armada no Brasil¹²⁴

Ali morria o “Bira”, como ele era conhecido na luta armada, e surgia o Juca jornalista que começará a trabalhar na editora abril. Com essa mudança de direção, saindo da vida da militância da luta armada e entrando na carreira jornalística, muitas coisas mudaram, mas seu engajamento político continuou.

Em 1979 assume a função de direção na revista Placar. Respondendo a uma pergunta feita por mim em um evento na UnB sobre como era ser diretor de um periódico durante a ditadura militar ele responde que quando assumiu a direção o Brasil já passava pela abertura política desde o fim do AI-5 até a lei da anistia, no entanto a luta pela redemocratização se consolida em dois movimentos Democracia Corinthiana e as Diretas Já.

O nome “Democracia Corinthiana” foi dado pelo publicitário Washington Olivetto, a inspiração veio em um debate em 1982 no teatro da PUC quando Juca adaptou uma frase de Millôr Fernandes da peça Liberdade, Liberdade.¹²⁵

Se os jogadores continuarem a escolher o técnico do time se voltarem até para saber se o ônibus deve seguir viagem ou parar no restaurante à beira da estrada, se o time deve ir para concentração ou não, vamos acabar caindo numa democracia. Numa democracia corintiana, é verdade, mas numa democracia.

126127

Em 1981 terminará a gestão do presidente do Corinthians Vicente Matheus, que durou oito anos, e terminou com um desgaste muito grande. O time não tinha dinheiro para contratações e a campanha da Taça Ouro foi decepcionante. Nesse contexto uma oposição se forma liderada por Isidoro

¹²⁴ Alencar, Carlos. Juca Kfourir: o militante da notícia/ Carlos Alencar. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 34.

¹²⁵ Liberdade, Liberdade estreou no dia 21 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, numa produção do Grupo Opinião e do Teatro de Arena de São Paulo.

¹²⁶ Alencar, Carlos. Juca Kfourir: o militante da notícia/ Carlos Alencar. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 50

¹²⁷ A frase original da peça “se o governo continuar permitindo que certos parlamentares falem em eleições; se o governo continuar deixando que certos jornais façam restrições à sua política financeira; se continuar deixando que alguns políticos mantenham suas candidaturas; se continuar permitindo que algumas pessoas pensem pela própria cabeça; se continuar deixando que os juizes do Supremo Tribunal Federal concedam habeas-corpus a três por dois; e se continuar permitindo espetáculos como este, com tudo que a gente já disse e ainda vai dizer – nós vamos acabar caindo numa democracia!”.

Matheus, irmão do Vicente Matheus, que era apoiado pelas duas principais torcidas organizadas do Corinthians¹²⁸. Na eleição Vicente Matheus se candidatou a vice-presidente da chapa liderada por Waldemar Pires, contra a chapa de Isidoro. O resultado da eleição no dia 10 de Abril de 1981 foi de 137 a 101 para a chapa de Waldermar/Vicente.

Em um primeiro momento a principal impressão seria que Waldermar seria apenas uma espécie de “rainha da Inglaterra” do Vicente Matheus. No entanto desde o início da gestão, conflitos entre os dois começam a se revelar indo de divergência sobre contratações, demissão de treinador. Com esse ambiente, Vicente Matheus pede afastamento em julho de 1981, inicialmente previsto por seis meses. Mas, em setembro, ele pede demissão.¹²⁹

O presidente do Corinthians troca o vice-presidente de futebol e escolhe Adilson Monteiro Alves, que era sociólogo formado na USP, sem experiência no futebol, mas com grandes mudanças de ideias.

No momento, nossa preocupação é tranquilizar o ambiente. Ano que vem poderemos fazer um trabalho de profundidade, organizando o departamento de baixo para cima, com opinião de jogadores e comissão técnica, pois são eles que fazem o futebol e não a diretoria¹³⁰

Essa é uma grande demonstração de mudança, afinal o presidente anterior era extremamente centralizador e a ideia da nova gestão seria descentralizar incluindo os jogadores como figuras decisivas nas tomadas de decisão. Jogadores esses que se destacavam o Doutor Sócrates, Wladimir, Zenon e Casagrande.

A Democracia Corintiana não era bem vista na imprensa mais conservadora, o veículo de imprensa que mais apoiou foi a revista Placar, dirigida na época pelo Juca, para além disso poucos apoiavam sendo o maior nome de apoio na imprensa era o locutor Osmar Santos.

Osmar e Juca também protagonizaram outro movimento concomitante: as Diretas Já.

¹²⁸ As torcidas organizadas Gaviões da Fiel e a Camisa12.

¹²⁹ Martins, Mariana Zuaneti, Democracia Corintiana: sentidos e significados da participação dos jogadores / Mariana Zuaneti Martins. -- Campinas, SP: [s.n], 2012. p. 75

¹³⁰ FOLHA DE SÃO PAULO, 5/11/1981, p. 29

Dentro desse contexto no dia 15 de novembro de 1982 São Paulo teria a primeira eleição estadual em 17 anos. Juca teve a ideia de propor colocar na camisa do Corinthians a frase “dia 15 vote”, o clube também passou a usar a expressão “Democracia Corintiana”. O jogador Wladimir conta que

Conversamos a respeito. A gente compartilhava todas as decisões. E queríamos transmitir essa experiência para toda população. Dizer que cada um tinha muita responsabilidade na hora de opinar. Nós conseguimos sensibilizar muita gente com a camisa.¹³¹

A ideia foi um sucesso e trouxe uma grande repercussão e outras campanhas como entrar em campo uma faixa com os seguintes dizeres: Ganhar ou perder, mas sempre com democracia. O movimento foi se atrelando as campanhas das Diretas Já.

A reação da ditadura, que agora passava por sua distensão, foi de proibir que essas campanhas voltassem a ocorrer por meio do Conselho Nacional de Desportos.¹³² O CND tinha autorizado meses antes que os clubes pudessem colocar patrocínios nas camisas, segundo o jornalista e pesquisador Celso Unzelte

Na falta da venda efetiva desse espaço, o Corinthians resolveu utilizar o espaço para imagens e mensagens de motivação política. Tinha espaço regulamentado e não vendido. Aí aprovou-se essa mensagem.¹³³

O CND manda um ofício para a Federação Paulista de Futebol fazendo um alerta que as frases usadas pelo Corinthians eram propaganda política e não publicidade sendo assim estaria vetado esse tipo de mensagem.¹³⁴

Além do extracampo, tratando das questões de campo a democracia trouxe resultados dentro de campo, afinal se anteriormente o clube estava mal, o clube conquista o bicampeonato paulista de 1982 e 1983.

¹³¹ <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/03/15/em-1982-o-dia-15-levou-brasileiros-as-urnas-com-a-ajuda-do-corinthians.htm>

¹³² Kfourir, Juca Confesso que perdi : Memórias / Juca Kfourir. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017. p. 51.

¹³³ <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/03/15/em-1982-o-dia-15-levou-brasileiros-as-urnas-com-a-ajuda-do-corinthians.htm>

¹³⁴ PRETO NO BRANCO: A DEMOCRACIA CORINTIANA NAS PÁGINAS DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO p. 14

Em 1984 os dois movimentos, Democracia e Diretas, se unem no palanque no Vale no Anhangabaú para em torno de 1,5 milhões de pessoas, onde Sócrates promete que caso a Emenda Dantes de Oliveira¹³⁵ fosse aprovada ele continuaria jogando no Corinthians.

No dia 25 de abril de 1984 foi colocado em votação no Congresso Nacional a Emenda das Diretas e acabou sendo rejeitada. Eram necessários 320 votos – dois terços da casa- acabou alcançando 298 pelo sim contra 65 pelo não e 3 abstenções.¹³⁶ Nesse mesmo ano a Democracia encontra seu fim, com a saída do Sócrates para a Fiorentina e a derrota da situação nas eleições corinthianas. Adilson Monteiro Alves então diretora se candidata e perde para o conservador Roberto Pasqua, segundo Juca tiveram que sair pelas portas dos fundos, pois a torcida, em especial a gaviões invadiu o Parque São Jorge¹³⁷ completamente enfurecida.¹³⁸

¹³⁵ Emenda Constitucional Dante de Oliveira (PEC) nº05/1983

¹³⁶

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/diretas-ja>

¹³⁷ Parque São Jorge é a sede social do Sport Club Corinthians Paulista.

¹³⁸ Kfourri, Juca Confesso que perdi : Memórias / Juca Kfourri. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017. p. 53

Conclusão

A historiografia com viés de esquerda das décadas de 60 e 70, como boa parte da elite acadêmica, colocava o futebol como um aspecto social alienante e desmobilizador de massas. Isso resultou em produções historiográficas da ditadura que não se aprofundavam em determinados temas, como por exemplo os casos de resistências no futebol.¹³⁹ Este esporte, como um dos maiores fenômenos sociais do Brasil tem total capacidade de ser um agente mobilizador, ao contrário das teses defendidas pelos intelectuais.

Os ecos das comemorações pelos gols marcados no México pela seleção tri-campeão mundial ressoariam mais altos, e cobririam, os gritos dos que estavam nas câmaras de tortura da OBAN e dos DOI-CODI¹⁴⁰

Não podemos negar a interferência da ditadura e os seus usos para fins políticos, demonstramos vários casos nos capítulos anteriores. Mas também depositar no futebol a pecha de culpado de uma suposta alienação da população não é algo correto. O futebol consegue ser tão poderoso que apesar de todos os instrumentos de propaganda usados pela ditadura durante a Copa do Mundo de 1970, ela não ficou marcada como uma conquista do Médici, mas o que marcou este evento foram os jogadores Pelé, Tostão, Jairzinho, Gérson, Carlos Alberto Torres entre outros.

Atualmente um dos debates que ocorre no mundo do futebol é a respeito de esporte e política se misturarem ou não. Um dos jornalistas que defendem a abordagem de que o futebol exista exclusivamente a partir da perspectiva do entretenimento é o Tiago Leifert. Segundo ele “quando política e esporte se misturam dá ruim.”¹⁴¹ Juca criou a expressão “leifertização do jornalismo esportivo”¹⁴². Que significa justamente essa defesa que esporte é apenas uma forma de entretenimento sem que haja uma maior problematização ou discussão

¹³⁹ Couto, Euclides de Freitas. Da ditadura a ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978) / Euclides de Freitas Couto. – Niterói: Editora da UFF, 2014 – 280, p. 117-118.

¹⁴⁰ Reis, Daniel Arão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Arão, RIDENTI, Marcelo, SÁ MOTA, Rodrigo Patto (Orgs.). O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004) Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 48.

¹⁴¹ <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>

¹⁴² https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/27/deportes/1519749247_316900.html

de assuntos políticos – ou como se política fosse unicamente apartidária e institucional.

Não podemos negar o caráter lúdico do jogo, ele sim faz parte do processo. Johan Huizinga no seu livro *Homo Ludens* levanta uma questão fundamental para entendermos esse processo:

Regra geral, o elemento lúdico vai gradualmente passando para segundo plano, sendo sua maior parte absorvida pela esfera do sagrado. O restante cristaliza-se sob a forma de saber: folclore, poesia, filosofia, e as diversas formas da vida jurídica e política. Fica assim completamente oculto por detrás dos fenômenos culturais o elemento lúdico original.¹⁴³

Reitero que não é errado usar o futebol para lazer, entretanto um dos maiores fatores de mobilização do país pode ser usado, sim, como uma ferramenta política. Não apenas pode, como foi usado, como demonstrado ao longo desse trabalho.

Momentos políticos diferentes, moldam personalidades diferentes nas mais diversas áreas e, provavelmente, para Saldanha, Reinaldo e Juca “dar alegria ao povo brasileiro”, como disse o jogador David Luiz ao final do jogo que eliminou o Brasil vergonhosamente da Copa de 2014, estava associado a mais do que bons resultados em campo, mas à liberdade – princípio básico da dignidade humana. Afinal, “ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.

¹⁴³ Huizinga, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura* / Johan Huizinga; [tradução João Paulo Monteiro]. – São Paulo: Perspectiva, 2014 – 8. Ed, p. 54.

Fontes e Bibliografias

1- Fontes

- 1.1- Arquivo Nacional – documentos coletados no acervo sobre ditadura militar a partir de pesquisa no sistema interno.
- 1.2- Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade. – Recurso eletrônico. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1)
- 1.3- KFOURI, Juca Confesso que perdi: Memórias/ Juca Kfoury – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- 1.4- LIMA, José Reinaldo. *José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33p.
- 1.5- LIMA, Pilipe Van R. Punho cerrado: a história do rei / Philipe Van R Lima; Prólogo Chico Pinheiro. – Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016
- 1.6- MÁXIMO, João, 1935-João Saldanha: sobre nuvens de fantasia / Rio de Janeiro: Relume, 2005
- 1.7- SALDANHA, João, 1917-1990 Vida que segue: Saldanha e as copas de 1966 e 1970/João Saldanha; organização Raul Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006
- 1.8- SIQUEIRA, André Iki. João Saldanha: Uma vida em jogo. Ilustrada. Companhia Editora Nacional, 2007
- 1.9- REVISTA PLACAR. Acesso a todo o acervo em <https://books.google.com.br/books/serial/kAk7Ur-UsHkC?rview=1&lr&hl=pt-BR&sa=N&start=0>

2- Livros

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional/ Gilberto Agostino. – Rio de Janeiro: APERJ : Mauad, 2002 ;2. ed.: Mauad X, 2011.

ALENCAR, Carlos. Juca Kfour: o militante da notícia/ Carlos Alencar. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) / Maurício da Silva Drumond Costa. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.

COUTO, Euclides de Freitas. A ESQUERDA CONTRA-ATACA: REBELDIA E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FUTEBOL BRASILEIRO (1970-1978). Recorde: Revista de História do Esporte. Ufrj . volume 3, número 1,P.1-22, junho de 2010

COUTO, Euclides de Freitas. Da ditadura a ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978) / Euclides de Freitas Couto. – Niterói: Editora da UFF, 2014 – 280

FICO, Carlos. Como eles agiam/Carlos Fico – Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREYRE , Gilberto, 1900-1987. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo : Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil ; 1).

GASPARI, Elio A ditadura escancarada / Elio Gaspari. — São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio A ditadura envergonhada / Elio Gaspari. — São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUTERMAN, Marcos. *O Futebol Explica o Brasil: O Caso da Copa de 70*. 155f. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de SP, 2006.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura / Johan Huizinga; [tradução João Paulo Monteiro]. – São Paulo: Perspectiva, 2014 – 8. Ed

JOFFILY, Mariana. No centro da engrenagem : os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975) / Mariana Joffily ; orientadora Maria Aparecida de Aquino. - São Paulo, 2008.

MARTINS, Mariana Zuaneti, Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores / Mariana Zuaneti Martins. -- Campinas, SP: [s.n], 2012 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

MOURA, Gisella de Araújo. “O Rio corre para o Maracanã”, Rio de Janeiro: Editora FundaçãoGetúlio Vargas, 1998.

NASCIMENTO, Abdias. O geboçidio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado – 3 ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016

PENNA FILHO, Pio. O Itamaraty nos anos de chumbo: o Centro de Informações do Exterior (CIEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979). Rev. bras. polít. int. [online]. 2009, vol.52, n.2, pp.43-62. ISSN 0034-7329.

REIS, Daniel Arão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Arão, RIDENTI, Marcelo, SÁ MOTA, Rodrigo Patto (Orgs.). O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004) Bauru/SP: EDUSC, 2004

SALDANHA, João, 1917-1990 Vida que segue: Saldanha e as copas de 1966 e 1970/JoãoSaldanha; organização Raul Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

SANTOS, Daniel de Araujo dos Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012.

SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo*: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

3- Sites

Blog do Juca- UOL Esportes. Disponível em <<https://blogdojuca.uol.com.br/sobre-o-autor/>>. acesso 15 de nov. 2019

Câmara Legislativa- <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/diretas-ja> , acesso em 04 dez 2019

CPDOC- <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ARANHA,%20Luís.pdf> acesso 2 de dez. 2018

Ebc - <http://www.ebc.com.br/esportes/2013/09/leonidas-da-silva-100-anos-do-craque-que-redefiniu-a-bicicleta> Acesso em 20 de nov. 2018

El País-

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/27/deportes/1519749247_316900.html >, Acesso em: 04 dez 2019.

Espn - https://www.espn.com.br/futebol/bola-de-prata/artigo/_/id/5041953/bola-de-prata-de-1970-a-2018-veja-todas-as-selecoes-ja-eleitas>. Acesso em: 18 jun. 2019.

Estadão - <https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/reinaldo-a-copa-de-1982-e-a-ditadura-militar/> . Acesso em : 18 jun. 2019.

GQ - <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html> Acesso em: 04 dez 2019

IFFHS- <https://iffhs.com/dev/legend/edson-arantes-do-nascimento-pele-2>

Ludopedio - <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/reinaldo/>. Acesso em: 18 jun. 2019.

Memorias Reveladas
<http://www.memoriasreveladas.gov.br/index.php/ultimas-noticias/199-joao-saldanha-o-tecnico-que-desafiou-a-ditadura-militar-brasileira> acesso em 1
de dez. 2018